

Trabalho infantil e pobreza

MARCOS DANIEL



SERÁ possível falar do trabalho infantil sem abordar a questão da pobreza? Ontem, em mais um Dia Internacional da Criança, a questão do trabalho infantil mereceu destaque em vários fóruns por se tratar de um mal que afecta esta camada social. Porém, sempre me questiono sobre a alternativa que tem uma mãe ou um pai sem recursos a não ser colocar a sua pequenada no mercado do emprego.

Devo recordar que Moçambique é um país em vias de desenvolvimento, com uma população ainda a enfrentar sérias dificuldades para garantir a educação

dos filhos, os cuidados de saúde, a habitação, para não falar da alimentação. Por essa razão, alguns benefícios que seriam assegurados pelo Governo não chegam às crianças desfavorecidas.

Deste modo, é de pequenos negócios que sobrevive a população moçambicana. Aliás, o Governo incentiva os cidadãos a serem empreendedores como forma de combater a pobreza. Esta lição foi assimilada pelos moçambicanos, até mesmo pelos que têm formação superior, que se despiram de preconceitos e de todo o tipo de estereótipos para melhorarem a qualidade de vida.

Na cidade de Maputo e não só, é notória a presença de crianças nos mercados, onde se dedicam à venda de produtos, cujo rendimento serve para o aumento da renda familiar. Por exemplo, na segunda-feira passada, quando passavam poucos minutos das cinco horas da manhã, vi uma menor de uniforme, com a respectiva pasta escolar às costas, mas na cabeça trazia uma bacia cheia de produtos por comercializar.

Esta criança fazia-se acompanhar de algumas pessoas, que deduzi tratar-se de parentes seus e que se dirigiam ao mercado

mais próximo. Sendo assim, antes de chegar à escola, esta menor devia ajudar a mãe ou seu familiar no transporte da mercadoria.

Esta é uma situação difícil de desencorajar enquanto as condições de vida dos moçambicanos continuarem as mesmas. Existem pais que, mesmo reconhecendo que os seus filhos estão a

ser privados de alguns dos seus direitos, dada as condições em que se encontram, as obrigam a vender algo para poderem ajudar nas despesas de casa.

Mas é preciso reconhecer que há um esforço dos pais e encarregados de educação no sentido de ver os seus educandos na escola, por saberem que a educação é a chave de desenvolvimento. É assim

que se num período do dia a criança vai à escola, no outro deve vender água, gelo doce, pipocas, sacos plásticos, ajudar no carregamento de trouxas, ou fazer pequenos trabalhos em troca de dinheiro. Só assim é que as crianças conseguem manter-se na escola, ter assistência numa unidade sanitária pública, entre outras necessidades básicas.

Por isso, para que se minimize

o problema do trabalho infantil, é aconselhável que as instituições públicas, que deviam garantir a cesta básica das pessoas necessitadas, o façam sabendo que os alimentos devem ser suficientes para o período pré-estabelecido, e que se cumpram os prazos. Caso contrário, o trabalho infantil poderá vir a aumentar com o elevado custo de vida.